

---

## TOTALITARISMO E COSMOVISÃO: FECHAMENTO DO MUNDO

Helano Jader C. Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é refletir acerca do conceito de *Weltanschauung* [visão de mundo, cosmovisão] e sua apropriação pelo discurso nacional-socialista. Importante também neste artigo é o diálogo com o conceito de biopolítica discutido por Michel Foucault, ou seja, trata-se aqui de pensar o conceito de visão de mundo como um fechamento não só do pensamento, mas também do corpo. Neste contexto, é revelada a importância em torno da resistência da ficção diante de tais discursos totalitários, de modo que, procuramos demonstrar o papel subversivo e crítico da literatura diante da linguagem do Terceiro Império: o enfrentamento da ficção contra o *logos* nacional-socialista.

**Palavras-chave:** *Weltanschauung*; mito nazista; literatura; biopolítica.

**Abstract:** The aim of this paper is to reflect on the concept of *Weltanschauung* [world view] and its appropriation by the National Socialist discourse. Also important in this article is the dialogue with the concept of biopolitics discussed by Michel Foucault. It is here to think the concept of world view as a closure not only of thought, but also the body. In this context, importance is revealed around the resistance of fiction before such totalitarian discourse, so that the attempt to demonstrate the role subversive and critical of literature on the language of the Third Reich, or confront the fiction against national-socialist logos.

**Keywords:** *Weltanschauung*; nazi myth; literature; biopolitics.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Teoria da Literatura na UFSC. Professor de Língua Alemã da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: hjcristeiri@gmail.com.

## 1. FECHAMENTO

Em seus trabalhos de investigação filosófica, Max Scheler delinea as bordas de um pensamento que se dirá fechado. Em seu livro *Philosophische Weltanschauung* [*Visão filosófica do mundo*]<sup>2</sup>, que é uma reunião de textos anteriormente publicados, norteia o conceito de **cosmovisão, visão de mundo, mundividencia**, explicando a necessidade do homem de totalizar a compreensão dos fenômenos que o cercam, de modo que, mesmo que tal apreensão seja incompleta, ele possa entender, através deste processo analítico, seu próprio núcleo enquanto parte integrante no fundamento de todas as coisas. O homem – o ente que existe por si só – e a totalidade das manifestações culturais não poderiam deixar de alçar determinadas questões gnosiológicas e epistemológicas para o estabelecimento de um delineamento do pensamento. Somente desta forma, lhe será possível uma elaboração crítica dos objetos, do absoluto e sua forma concernente à cultura, esta representada como um elemento único formador do ser. De acordo com Scheler (1986, p. 25):

*A cultura é portanto uma categoria do ser, não do saber e da experiência. A cultura é a moldagem, a formação deste total ser humano; mas a moldagem e formação não de uma substância material, como no caso da forma de uma estátua ou de um quadro, mas de uma totalidade viva, na forma do tempo, de uma totalidade que não consiste em outra coisa a não ser em evoluções, processos, atos. A este ser do sujeito assim formado corresponde em cada caso um mundo – um “microcosmos” – que é uma totalidade em si [...].*

Segundo Scheler, atingir um determinado nível de cultura possibilita a humanização do homem, que, ao lado de Deus, deve representar não apenas um coadjuvante na construção do mundo, mero instrumento da vontade Divina, mas que seja ele mesmo um ente ativo. Scheler propõe o entendimento da cultura em sua totalidade a partir de novos valores que sejam capazes de transformá-la, através do homem culto. O homem culto, assim, faz-se dentro deste microcosmo no mundo, dentro de uma totalização que ele deve atingir, visto que ele é um microcosmo dentro de um macrocosmo, segundo Marcos (1986, p.27-28):

*Entre el mundo y la persona hay una relación de reciprocidad: la persona es, en lo esencial, idéntica a la totalidad del mundo, aunque no lo es en sentido real o de existencia y a la vez totalidad del mundo está plenamente contenida en el hombre como parte del mundo. Las esencias de todas las cosas se cruzan en el mundo de la persona y están todas solidariamente en ella.*

<sup>2</sup> O texto intitulado “Visão filosófica do mundo” foi publicado pela primeira vez em 05 de maio de 1928 no *Münchener Neuesten Nachrichten*. Estas são algumas das possíveis traduções da palavra *Weltanschauung* para o português, retiradas do dicionário *Langenscheidt* do alemão: concepção ou visão do mundo, mundi-vidência, filosofia, ideologia. Lembrando também seus significados separadamente: *Welt* (mundo), *Anschauung* (do verbo *anschauen*, que, diferentemente do verbo *schauen*, que significa ver em geral, pressupõe a visão de algum objeto, contemplação). (BEAU, 1988, p. 1176).

O conceito de cosmovisão de Scheler segue, no entanto, uma linha já traçada pelo também alemão Wilhelm Dilthey. Ele dirá que, dada a desordem – entropia do cosmos – que a humanidade parece experimentar, só mesmo uma visão total poderia ordenar este caos – engodo da lógica dos sentidos e sensações – como uma tentativa de dominar o que a vida possui de mais misteriosa e desordenada. Em seu livro *A construção do mundo histórico nas ciências humanas* formula, influenciado contra o idealismo alemão<sup>3</sup> e, também não querendo descartar os avanços da ciência moderna, uma conscientização crítica sobre a edificação filosófica da ciência que consiga superar a dicotomia entre ciências humanas e ciências naturais. O positivismo já havia posto as *Naturwissenschaften* [ciências naturais] na base das ciências em detrimento das *Geisteswissenschaften* [ciências humanas]. A orientação epistemológica de Dilthey (2010, p.19) questiona esse posicionamento e inverte esta lógica, ao priorizar as ciências do *Geist* [espírito]:

O que está aqui em questão é a delimitação provisória das ciências humanas ante as ciências naturais por meio de traços característicos seguros. Nas últimas décadas, ocorreram debates interessantes entre as duas ciências e, em particular, sobre a história: sem adentrar nos pontos de vista que foram mutuamente contrapostos nesses debates, apresento aqui uma tentativa divergente de conhecer a essência das ciências humanas e de delimitá-las diante das ciências naturais.

Neste sentido, Dilthey (2010, p.92) procura delimitar as imagens do mundo e da metafísica e seus sistemas com o objetivo de evitar a disseminação anárquica dos sistemas filosóficos. Coloca, dessa forma, a *bíos* a favor de seu pensamento, estabelece um saber que une filosofia e vida. Para ele, as cosmovisões não são apenas um espaço gerado pelo ato de pensar a totalidade, mas representam o esforço ativo humano de conhecer a vida e todas outras esferas que a circundam, pois “a vida não é apenas a fonte do saber”. O mundo assim entendido em sua plenitude proporciona à vida os matizes necessários para sua realização universal e harmônica. Essa seria a base primeira para o projeto da *bíos* de Dilthey (2010, p.95):

Vida, experiência de vida e ciências humanas encontram-se, assim, em uma conexão interna estável e em uma relação de reciprocidade. Não é o procedimento conceitual que forma a base das ciências humanas, mas a percepção de um estado psíquico em sua totalidade e o reencontro desse estado psíquico na revivência.

Todas as cosmovisões, segundo Dilthey, deste modo, ao tentarem abarcar os enigmas da vida, acabam aliando-se às regras de conduta, o que resvalaria em um sujeito pleno histórico: trata-se aqui do advento de uma consciência histórica através da qual lhe tornaria possível objetivar os sistemas metafísicos, religiosos e literários. Dilthey, não excluindo a literatura dos saberes absolutos para a formação total do homem, fica conhecido, então, como

<sup>3</sup> Para Hegel, a única forma de se chegar ao conhecimento perfeito é através da filosofia, na medida em que, se afastando das contingências do conhecimento empírico, reformula-se por si mesma. Sua filosofia é, portanto, idealista, porque se mantém fora do âmbito da vida humana.

historiador do espírito, por privilegiar aspectos sensíveis para a formação deste microcosmo humano. Vendo nesta complementaridade da literatura para a formação da cosmovisão do homem, analisou, em um de seus livros, obras significativas que seriam representantes desta empreitada: *Das Erlebnis und die Dichtung* [Vivência e poesia] – contemplando Lessing, Goethe, Schiller, Jean Paul, Novalis, Hölderlin, entre outros –. Deles se valia para a formulação de uma hermenêutica que pudesse ser aplicada a um ideal de vida e à totalidade de sua moral.

Partindo de uma ética fundada na *bíos*, bem como do ensejo cultural envolto na literatura, não é de se admirar que Dilthey tenha se ocupado com a autobiografia, objetivando-a, desta forma, para seu propósito cosmovisional. Segundo ele (2010, p. 178): “A autobiografia é a forma mais elevada e mais instrutiva, na qual a compreensão da vida vem ao nosso encontro”. Para Dilthey a autobiografia possibilita a renovação de uma visão histórica do homem, visto que amplia a vida em seu caráter reflexivo.

Armei este brevíssimo excursão sobre a *Weltanschauung* [cosmovisão] para procurar entender o funcionamento deste sistema filosófico dentro da máquina nacional-socialista, a saber, sua apropriação pela ideologia da linguagem do *Drittes Reich* [Terceiro Império] de Hitler.

## 2. FECHAMENTO

Primeiro procuro insistir na pergunta: como esses discursos, aparentemente inócuos, visto que clamam por uma filosofia pautada na vida, cultura e literatura, foram inseridos no discurso nacional-socialista? Como a palavra *Weltanschauung*, bem como seus respectivos pressupostos filosóficos, penetra tão profusamente na linguagem do Terceiro Império? Como o nazismo se apropria da concepção de *Weltanschauung*, palavra composta por duas outras, o substantivo *Welt* [mundo] e o verbo *schauen* [contemplar, ver]? Victor Klemperer<sup>4</sup> (2009, p. 232) em seu livro *LTI: a linguagem do Terceiro Reich* parece ajudar-nos com tais indagações:

[...] a LTI encontra na expressão *Weltanschauung* justamente a visão interior intimista do substantivo *Schauen*, em *Schau* aparece a visão do místico, voltada para a intuição e o êxtase religioso do *Sehen* [enxergar], que é a visão do redentor, do qual emana o princípio vital. Este é o anseio mais profundo da *Weltanschauung*, tal como aparece na forma original dos neorromânticos, que foi adotada depois pela LTI [...] a raiz alemã do nazismo se chama romantismo.

O verbo *schauen* de que fala Klemperer tem, ao mesmo tempo, tudo e nada a ver com a ideia de ver direito – ver por um olho – que está sendo manipulado e vigiado, mas é um

<sup>4</sup> Alemão de origem judia, posteriormente convertido ao luteranismo, Victor Klemperer foi um dos maiores escritores de diários em língua alemã. Além disso, como filólogo, decide montar em seu *LTI: a linguagem do Terceiro Reich* um vocabulário da linguagem corrente no período nazista.

olho cego incapaz de discernir qualquer coisa, um olho obnubilado pelo pensamento nazista, apreendido, refém em seu próprio globo (KLEMPERER, 2009, p. 232): “a LTI uniu *Schau* [como correspondente em inglês de *show*] e *Weltanschauung* de maneira indissolúvel, assim como a mística e pompa se uniram no culto católico”. Não poderia deixar de ser chamado também, se nos apegarmos somente ao radical *Schau*, de espetáculo de mundo, espetáculo – baseado em aclamações e glória – cujo palco do horror é manipulado pelo – *ἀπὸ μηχανῆς θεός* – *Deus ex machina* – nazista.

*Show* – *Schau*, visão (mística) e glória são o que Giorgio Agamben (2011, p. 193) analisa em seu livro *O reino e a glória*. A ciência dedicada à história dos aspectos cerimoniais do poder e do direito pode ser lida, também, como uma espécie de arqueologia política da liturgia e do protocolo, que poderia ser chamada de “arqueologia da glória”. Ele demonstra que muitos dos elementos litúrgicos das aclamações religiosas são oriundos de manifestações pagãs, mas não somente:

Devemos olhar para o elemento doxológico-aclamatório não só como aquilo que une liturgia cristã ao mundo pagão, mas como próprio fundamento jurídico do caráter “litúrgico”, ou seja, público e “político”, das celebrações cristãs. O termo *leitourgia* (de *Laos*, “povo”) significa etimologicamente “prestação pública”, e a igreja sempre instituiu em sublinhar o caráter público do culto litúrgico, em oposição às devoções privadas.

Agamben identifica um importante paralelo entre as aclamações – gestos coletivos de louvor ou desaprovação semelhantes ao que ocorria no Terceiro Império – e a *δόξα* – *doxa* [conhecimento popular], chegando à conclusão de que a esfera da glória não desaparece nas democracias modernas, mas desloca-se para outro lugar, a saber, para a mídia, e dela se apropria o nacional-socialismo em busca de seu fechamento totalitário,<sup>5</sup> através de aclamações gloriosas. De acordo com Hannah Arendt (1989, p.391):

Por existirem num mundo que não é totalitário, os movimentos totalitários são forçados a recorrer ao que comumente chamamos de propaganda. Mas essa propaganda é sempre dirigida a um público de fora – sejam as camadas não totalitárias da população do próprio país, sejam os países não-totalitários do exterior. Essa área externa à qual a propaganda totalitária dirige seu o apelo pode variar grandemente; mesmo depois da tomada de poder, a propaganda pode ainda dirigir-se àqueles segmentos da própria população cuja coordenação não foi seguida de doutrinação suficiente. Nesse ponto, os discursos de Hitler aos seus generais, durante a guerra, são verdadeiros modelos de propaganda.

A propaganda muda de eixo quando o totalitarismo detém o controle absoluto, prefere, desta forma, a doutrinação em seu lugar e utiliza-se da violência não mais para assustar

<sup>5</sup> Lembro que tanto em Max Scheler quanto em Wilhelm Dilthey, pode ser percebido, diversa, porém vistosamente, em suas teorias da cosmovisão, uma insistência lingüística que se vale de vocábulos como **totalidade** e **delimitação**.

o povo, mas para transformar em realidade suas doutrinas e ideologias baseadas em mentiras propositadas.

Um dos livros mais importantes para a fundamentação intelectual do mito nazista, escrito por Houston Stewart Chamberlain, britânico casado com a filha do compositor Richard Wagner, *Arische Weltanschauung* [*Cosmovisão ariana*], representa um trabalho em que é defendida a superioridade racial dos povos arianos em relação aos demais. Chamberlain (1938, p. 8) cria, deste modo, vínculos depois quase inseparáveis do conceito de cosmovisão com seu significado atrelado ao nacional-socialismo, transformando-o no sentido pejorativo de ideologia. No prefácio à terceira edição, em 1915, na cidade de Bayreuth, escreve:

Como observei em outros lugares certa vez: não é fundamental o fato de sermos “arianos”, mas sim de que nos tornemos “arianos”. A este respeito, continua a ser um imenso trabalho para todos nós realizarmos: a libertação interna do nosso abrangente e sufocante semitismo.

O Estado nazista nasce, em conformidade com preceitos estabelecidos não-arbitrários e impensados, de um mito que pudesse fundar esse Estado nazista, povoado pelo homem ariano; surge como uma tentativa de controle redutor do conhecimento – pensamento – da vida e de sua totalização. Os limites paroxísticos desse fechamento foram os muros e portões de Auschwitz e a instauração do estado de exceção que representou.

Mas por que a questão da raça para os alemães é tão importante? Já nos últimos decênios do século XVIII, a tradição do pensamento alemão ocupa-se com a relação existente entre mito e a questão da identificação. Influenciados pelo platonismo e sua análise sobre o *mythos* como mentiras profanas do divino – visto que são ficções malditas – incorporam o mimetismo dos mitos **purificados**, ou seja, mitos consertados em nome de uma conduta baseada no *logos*.

Em *A República*, Platão, por meio de Sócrates, erige uma sociedade próxima da perfeição cujo fio condutor é a justiça. No livro X, alerta sobre o perigo que os poetas representam para seu intento, sendo a poesia definida como arte da imitação ou *mimesis*. A arte mimética reivindicada por Platão tem sua origem na sua concepção do ser e da verdade. Pare ele o ser é aquilo que é justamente porque possui uma identidade ou essência. O ser é então definido como idéia que se opõe ao devir.

Qual foi, então, a base de imitação do pensamento nacional-socialista? A Antiguidade. Ou seja, é preciso, diz o pensamento nazista, ter muito cuidado com a arte imitativa, com o poder de subversão da *mimesis*, com o poder da ficção.

Não nos admira o fato de Friedrich Nietzsche e posteriormente Gilles Deleuze reivindicarem uma espécie de **reversão do platonismo**, ressuscitando o conceito de *simulacrum* de suas profundezas. Michel Foucault (2008, p.232) em seu texto “*Theatrum Philosophicum*” acrescenta: “Perverter Platão é deslocar-se na direção da maldade dos sofistas, dos gestos rudes dos cínicos, dos argumentos dos estóicos, das quimeras esvoaçantes de Epicuro.” Perverter o platonismo é ver o poder subversivo que a ficção carrega, *o poder da mimesis*.

### 3. POLÍTICA DO CORPO

É importante, ainda, lembrar o apelo de Wilhelm Dilthey por uma filosofia da vida humana, por uma *bíos* como âmago de todo o seu pensamento. Ora, o nacional-socialismo foi um regime totalitário que incorporou a biologia para a construção de seu mito e fundamentação de sua ideologia em detrimento da filosofia. Mas por que a biologia? Ou, em especial, a vida? As aspirações nazistas dizem respeito, essencialmente, ao controle do corpo, ao controle da vida, o que podemos chamar de biopolítica. Mas não só o controle da vida, como também o controle da morte: fazer viver e deixar morrer.

O conceito de biopolítica foi pensado, primeiramente, por Michel Foucault, no primeiro volume de sua *História da Sexualidade*. A idéia de biopolítica veio se juntar às reflexões sobre as práticas disciplinares, ambas técnicas de exercício de poder, particularmente a partir do século XVIII e XIX. As disciplinas se voltavam para o indivíduo, e para o seu corpo, para a sua manipulação e adestramento através das diversas instituições modernas que perpassavam o indivíduo – como a escola, a fábrica, o hospital, a prisão. Eram instituições que domesticavam, vigiavam e puniam os corpos e os tornavam aptos à produção industrial, ao controle do Estado, ou seja, peças fundamentais para a produção capitalista. No entanto, foi principalmente em seu livro *Vigiar e Punir* e nos cursos que ministrou no Collège de France, nos anos de 1970, que o pensador francês mostrou como surgiram, a partir do século XVII, técnicas de poder que se legitimavam a partir do controle do corpo dos indivíduos, Foucault (2011, p.133) irá chamar esses mecanismos – dispositivos de controle – de **disciplinas**, que são: “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõem uma relação de docilidade-utilidade”. Desta forma, Foucault (1998, p.134) conclui acerca de seu conceito de biopolítica:

Se pudéssemos chamar de ‘bio-história’ as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de ‘biopolítica’ para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos entrem no domínio dos cálculos explícitos, e faz do poder-saber um agente de transformação da vida humana.

Giorgio Agamben em *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I* distingue, no contexto da cultura grega, duas dimensões díspares da vida humana: a *zoé*, ou vida nua, é entendida como a vida regida pelas leis da espécie, submissa à natureza que define o seu modo de ser – uma vida natural. Ela delinea a vida do corpo e seus simples desejos fisiológicos – existe fora da vontade humana e da liberdade e da cultura. A *bíos* nada tem a ver com essa “vida nua”, ela ultrapassa a *zoé*, na medida em que é uma vida política. Quando Platão e Aristóteles mencionam três significados distintos em sua obra para a palavra *bíos*, parece que, “não estava em questão de modo algum a simples vida natural, mas uma vida qualificada, um modo particular de vida”. (AGAMBEN, 2002. p, 9).

O nazismo, como já dissemos, foi um regime que não se sustentava ideologicamente na filosofia, mas sim na biologia: “porque o nazismo negou a filosofia não de uma maneira

genérica mas em favor da biologia”. (ESPOSITO, 2004. p. 25). O fundamento primordial de ação dos soldados SS foi, de forma radical, através de Auschwitz, a redução da chamada *bíos* em *zoé*, ou, como diz Agamben (2008, p.14) acerca dos chamados muçulmanos: “O “muçulmano” é o não-homem que habita e ameaça todo ser humano, a redução sinistra da vida humana à vida nua”. Os muçulmanos, no contexto da Segunda Guerra Mundial eram os seres quase abjetos que povoavam Auschwitz, eram considerados figuras pelo simples fato de apresentarem corpos semelhantes a bonecos, já quase não possuíam aspectos que os caracterizassem como seres-humanos. A figura do *Muselmann* era uma espécie de morto-vivo, ou inumano e que dentro dos campos de concentração se encontravam em um estágio difícil de ser definido como ser humano, Agamben (2008, p.56) continua: “o muçulmano é um ser indefinido, no qual não só a humanidade e a não-humanidade, mas também a vida vegetativa e a de relação, a fisiologia e a ética, a medicina e a política, a vida e a morte transitam entre si sem solução de continuidade”.

Roberto Esposito esclarece, ao elucidar seu conceito de tanatopolítica – política da morte – que parece ser paradoxal um conceito de biopolítica, controle do corpo, em que não há desejo de preservação da vida, mas sim de sua aniquilação. No livro de Hitler *Mein Kampf* que é uma das primeiras escrituras ideológicas do nazismo, surge o aperfeiçoamento do corpo, através de sua expressão predileta *körperliche Ertüchtigung* [capacitação física], como uma referência direta ao preparo físico do corpo, acima do *Geist* [espírito, intelecto], como diretriz básica do seu projeto de educação do povo alemão: preparar o corpo, a vida, para usá-la: preserva-se e controla-se o corpo ariano, controla-se e destrói-se o corpo do judeu.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O dia dez maio de 1933 foi o auge da perseguição nazista de intelectuais, principalmente de escritores como Thomas Mann, Stefan Zweig entre outros representantes do pensamento, em especial obras de intelectuais judeus como Sigmund Freud e Albert Einstein. Em toda a Alemanha, montanhas de livros e suas cinzas se amontoavam nas praças. Hitler e seus oficiais pretendiam através deste gesto destruir o arquivo entartet [**degenerado**] para a construção de um novo no Estado nazista. Estado esse onde a *mimesis* maldita pudesse ser fechada e convertida num *logos* em nome do nacional-socialismo. As teorias das cosmologias só serviram de base para a construção de um pensamento que, sagazmente, se apropriou dos preceitos da vida e sua totalização.

É preciso, pois, perverter o platonismo, fazer ressuscitar o poder subversivo que a ficção carrega, *o poder da mimesis*. Mas não só. É preciso, também, apoiar-se em conceitos – que possam inoperar o mito nazista que ainda ecoa. É preciso ser criada uma política capaz de uma *Ent-nazifizierung* [Des-nazificação], como diz Victor Klemperer (2009, p. 37) a respeito de sua LTI: “Não desejo nem acredito que esta palavra hedionda possa perdurar muito tempo; assim que tiver cumprido a sua missão, desaparecerá e ficará somente na memória”.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- AGAMBEN, Giorgio. **O reino e a glória: uma genealogia teológica da economia e do governo: homo sacer, II. 2**. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2011.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)**. Tradução de Selvino J. Assman. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Tradução de Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BEAU, Albin Eduard. **Langenscheidts Wörterbuch: Deutsch-Portugiesisch**. 7. ed. Munique, Belim: Langenscheidt, 1988. 1248 p.
- CHAMBERLAIN, Houston Stewart. **Arische Weltanschauung**. München: F. Bruckmann A.-G., Achte Auflage, 1938.
- DILTHEY, Wilhelm. **A construção do mundo histórico nas ciências humanas**. Tradução de Marco Casanova. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- ESPOSITO, Roberto. **Bios: biopolítica e filosofia**. Tradução de M. Freitas da Costa. Lisboa: Edições 70, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramalheite. Petrópolis: Vozes, 2011.
- FOUCAULT, Michel. “Teatrum Philosophicum”. In: **Ditos e escritos vol. II**. Tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a Vontade de Saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- KLEMPERER, Victor. **LTI: a linguagem do Terceiro Reich**. Tradução de Miriam Bettina Paulina Oelsner. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- LACOUÉ-LABARTHE, Philippe e NANCY, Jean-Luc. **O mito nazista**. Tradução de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.
- MARCOS, Suances Manuel A. **Max Scheler, Princípios de una ética personalista**. Barcelona: Herder, 1986.
- SCHELER, Max, **Visão filosófica de mundo**. Tradução de Regina Winberg. São Paulo: Perspectiva S.A., 1986.